

★ EDITORIAL

A revista *Olhares* é mais um espaço de encontro das correntes de pensamento que vem adensando a pesquisa em artes cênicas no país. Neste primeiro número, apresenta-se como catalisadora de algumas das visões hegemônicas nos estudos acadêmicos, ao mesmo tempo em que sintoniza aspectos mais voltados às práticas teatrais cotidianas.

Como digno abre-alas de um veículo que se pretende comprometido em desvendar os mistérios do teatro, Fauzi Arap concede oferecer preciosas reflexões sobre o ofício do ator. Não fosse pela importância que este intérprete, dramaturgo e encenador tem na constituição do teatro brasileiro dos últimos cinquenta anos, ressalta nesses escritos raros a sistematização de uma sabedoria prática acumulada que se torna conhecimento compartilhado.

Acompanhando o tom da abertura, quatro das principais referências na formação de atores na universidade brasileira colaboram em debate sobre a pedagogia do ator. Renato Ferracini, uma das lideranças do LUME – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Unicamp, investiga, na perspectiva da filosofia pós-estruturalista, as noções de memória e de ação articuladas como ferramentas de trabalho para o ator. Marcelo Lazaratto expõe seu conceito de Campo de Visão, desenvolvido no âmbito dos processos criativos da Cia. Elevador de Teatro Panorâmico e aplicado também em sua experiência nos cursos de graduação em que atua como professor. Antônio Januzelli apresenta seus procedimentos de trabalho, desenvolvidos em décadas de prática no ensino e na formação de atores na Escola de Arte Dramática e no Departamento de Artes Cênicas da USP. Finalmente, Marco Antônio Rodrigues defende a tradição de Stanislávski como eixo pedagógico dominante, relatando experiências recentes, colhidas na Rússia contemporânea, que apontam para a vitalidade das metodologias derivadas daquele mestre.

A retranca processos coletivos reúne duas leituras possíveis de uma tendência predominante no teatro contemporâneo. O encenador e pesquisador Antônio Araújo, um dos artistas mais influentes de sua geração, discute o conceito de processo colaborativo desenvolvido em sua tese de doutorado a partir das montagens do Teatro da Vertigem. De outro lado, a pesquisadora Rosyane Trotta, também autora de trabalho recente sobre o tema, discute a autoria coletiva numa perspectiva crítica, relativizando o caráter colaborativo de produções analisadas.

Para discutir a dramaturgia que vem sendo criada, contemporaneamente, pelos

atores em sala de ensaio, *Olhares* propõe uma retomada da noção de “trabalho de mesa”, habitual no teatro brasileiro de sessenta anos atrás. Ricardo Kosovski traça um panorama histórico do contexto em que essa prática de interpretação dos textos dramáticos, anterior às encenações, se dava. Ele aponta também como, contemporaneamente, ainda se justifica dialogar com essa tradição. Comprovando essa tese, Newton Moreno, talvez o mais importante dramaturgo brasileiro da nova geração, revela como na realização da atual montagem de sua companhia, *Memória da cana* o trabalho de mesa em novos termos foi, literalmente, um dos eixos do processo. Fechando essa discussão, evocativa de um procedimento aparentemente superado, duas protagonistas do teatro brasileiro nas décadas de 40, 50 e 60, Maria Thereza Vargas e Nydia Lícia, recordam como efetivamente se dava o trabalho de mesa nas principais companhias desse período.

Entre as seções que se pretendem fixas na revista está a retranca “dramaturgia latino-americana”, que pretende publicar, a cada número, textos dramáticos nunca antes traduzidos para o português. O dramaturgo que estréia essa sessão é o argentino Daniel Veronesi, um dos mais promissores em seu país. O autor e sua peça *Mulheres sonharam cavalos* são apresentados por André Carreira, um dos especialistas, no Brasil, no teatro argentino contemporâneo.

A sessão “memória” sempre procurará resgatar aspectos relevantes, mas pouco difundidos, da história do teatro brasileiro. Nesse número acolhe parte do estudo inédito de Sebastião Milaré em torno de um dos pioneiros do teatro moderno no Brasil, Renato Vianna. No caso, Milaré aborda o projeto de Vianna de um teatro-escola.

A sessão “técnica” buscará sempre dar voz aos artífices menos conhecidos da cena brasileira, aqueles que atuam na cenotécnica, iluminação, cenografia e áreas afins. Quem abre a série é o iluminador do Centro de Pesquisa Teatral do SESC Consolação, em São Paulo, Davi de Brito, parceiro de Antunes Filho em diversas montagens. Em entrevista a Cássio Pires e Lilian Sarkis, Brito revela como seu deu sua formação no ofício e discute as tendências contemporâneas.

Na retranca “interculturalismo” a revista se abre ao diálogo com as culturas estrangeiras, colhendo uma pérola dos escritos do encenador, ator e dramaturgo italiano Gigi Dall’ Aglio. Um dos precursores dos processos coletivos de criação no teatro, ele conta em detalhes a odisséia que viveu ao encenar um espetáculo em Teerã sob os olhos vigilantes dos aiatolás iranianos.

Olhares se fecha com a sessão “retrato”, em que se homenageará, sempre, uma personalidade marcante da cena brasileira. A eleita nesta estréia da revista foi Cleyde Yáconis, a quem Oswaldo Mendes pinta com tintas apaixonadas e percuciente olhar.

Luiz Fernando Ramos
Editor convidado